

MEMÓRIA E PRÉ-DISCURSOS: ANÁLISE DAS REPERCUSSÕES DE UM PROGRAMA DE TV

3

MEMORY AND PRE-DISCURSES: ANALYSIS ON THE REPERCUSSION OF A TV PROGRAM

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues

Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Doutorado e Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E.mail: jrodriguescavalcanti@terra.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3302-4001>

RESUMO:

O conceito de memória discursiva foi elaborado por Courtine (1980) em trabalho clássico da Análise do Discurso francófona. Nos últimos anos, a noção ganha novos contornos com reflexões de analistas e de historiadores do discurso. Paveau (2013) propõe que se leve em conta a dimensão cognitiva da memória, entendida como social e distribuída. Considera a memória ligada a pré-discursos, a quadros de saber e de crença disponíveis não apenas no “espírito” dos indivíduos e na cultura dos grupos, mas também distribuídos nos ambientes materiais da produção discursiva. Levando em conta essas reflexões, propomos discutir pré-discursos ligados à presença de “pobres” nas praias, isto é, a analisar textos que tratam da divulgação de um vídeo, produzido no final dos anos 80, “Os pobres vão à praia”. Observamos como a memória de sentidos materializada em enunciados como “pobre é sujo” e “pobre é ladrão” é transmitida, organizando a produção e interpretação de discursos.

Palavras-chave: Memória; pré-discursos; sentidos; mídia.

ABSTRACT:

The concept of discursive memory was proposed by Courtine (1980) in a classic study of french Analysis Discourse. In the last

years, the notion gets new outlines with the reflections of analysts and discourse historians. Paveau (2013) proposes that takes into account the cognitive dimension of memory, perceived as social and distributed. Considers the memory in discourse related to pre-discourses, to knowledge and belief frames available in individual minds, in the culture, and also distributed over material environments of discourse production. Taken these reflections for granted, we aim to discuss pre-discourses connected to the presence of “poor people” in the beaches, examine texts that focus the diffusion of a video produced in the late 80s, The poor going to the beach. We observe how the memory of senses materialized in enounces like “poor is dirty” and “poor is thief” is transferred, allowing to arrange the production and interpretation of discourses.

Keywords: Memory; pre-discourses; senses; media.

INTRODUÇÃO

Aquele que digita a expressão “os pobres na praia” no buscador Google encontra cerca de catorze mil resultados, muitos deles textos humorísticos (charges, vídeos) que retratam ações consideradas típicas da figura do “pobre” quando frequenta esse espaço: comer frango e farofa, não levar dinheiro, enterrar-se na areia etc. Além desse material, aparecem textos que remetem à divulgação, pelo Youtube, em agosto de 2015, de um vídeo da TV Manchete, produzido no final dos anos 80, “Os pobres vão à praia”. Neste, moradores (negros) de subúrbios cariocas aparecem divertindo-se em praias da zona sul, fato que desperta a revolta de jovens de classe média alta, cujos depoimentos, repletos de comentários racistas, são veiculados no referido programa.

Desse universo, decidimos selecionar um conjunto que abordasse o tema “os pobres na praia” com o objetivo de verificar como se dá tal abordagem em textos disponíveis na internet. A leitura dos textos mostrou que poderia ser interessante, em termos de análise, mobilizar os conceitos de memória e de pré-discursos, como trabalhados por Paveau (2007, 2013, 2013a). Isso porque consideramos importante responder às seguintes questões: que pré-discursos estão ligados à figura do “pobre”? como esses quadros prévios, organizadores de discursos materializados nos textos, de quadros interpretativos que explicam determinadas atribuições de sentidos, são herdados e transmitidos?

Quais são as formas de “apelo” a esses pré-discursos?

Para proceder à análise, mobilizamos as reflexões de Paveau sobre memória e pré-discursos, reflexões que apresentamos na seção dois deste artigo. Na seção seguinte, tratamos dos dados e propomos algumas respostas, mesmo que parciais, para as questões que a leitura do *corpus* permitiu apontar. Na sequência, apresentamos as considerações finais do estudo.

MEMÓRIA E PRÉ-DISCURSOS

Paveau considera a memória uma das questões mais interessantes em Análise do Discurso (AD), noção trabalhada a partir do trabalho clássico de Courtine (1981). Como se sabe, o analista, ao estudar o discurso comunista dirigido aos cristãos, propõe o conceito de memória discursiva a fim de explicar “o que é enunciar, manter o fio de um discurso, mas também *repetir, lembrar, esquecer*, para um sujeito enunciador tomado nas contradições históricas do campo político?” (Courtine, 1999, p.16, ênfase original).

No conjunto de respostas que oferece a essas questões, Courtine leva em conta que há sempre já um discurso e que o enunciável é exterior ao sujeito enunciador, retomando o conceito de interdiscurso (Pêcheux) e a ideia de assujeitamento do sujeito. Fundamentando-se nesse quadro teórico, o analista apresenta o que seriam as modalidades de constituição no interdiscurso de um espaço de repetição: as formas de discurso relatado, as transformações de enunciados (incluindo apagamentos), os pré-construídos, todos esses fenômenos ligados à sintaxe.

Em sua teoria dos pré-discursos, Paveau retoma do estudo de Courtine, a saber, a pré-existência de sequências discursivas (o que é chamado por ela de anterioridade). De acordo com a analista, a noção de pré-constructo está na origem de sua reflexão, o que a leva a traçar uma genealogia do conceito. Nessa, a ideia de “discurso prévio” de natureza social figura em um dos primeiros textos de Pêcheux (1966).

Na sequência, continua Paveau, com as reflexões de Culioli, que postulam a existência de um nível pré-lexical, a noção de pré-constructo passa a ser elaborada em um plano linguístico. De acordo com a analista, as noções de pré-constructo, interdiscurso e intradiscurso não podem ser pensadas separadamente. Na reflexão empreendida por Culioli e Pêcheux (1970), lembra Paveau, existem

três níveis, a saber, o inassertado (em que as “origens” dos discursos são esquecidas), o pré-assertado (nível pré-lexical) e o assertado (nível da ocorrência). O pré-constructo, continua Paveau, diz respeito ao inassertado já que “corresponde a uma sequência encaixada em uma outra de modo invisível, com um efeito de evidência prévia” (2007, p. 316).

Pêcheux e Culioli, prossegue Paveau, concluem haver uma relação de anterioridade do inassertado sobre o assertado, o que será a base da teoria do pré-constructo articulado com o inter e intradiscorso, teoria elaborada para explicar o funcionamento do discurso ideológico, o que foi realizado por Courtine em sua pesquisa.

Para a analista, os anteriores discursivos, tais como formulados pela primeira geração de analistas do discurso (quando Pêcheux ainda não tratava especificamente de memória), estão “estritamente conectados” ao que ela chama de a memória do sentido. O enfraquecimento da questão dos anteriores discursivos, nos trabalhos posteriores dos analistas, pode ser explicado, segundo Paveau, ou porque se simplificaram as noções de pré-constructo e interdiscorso, ou porque noções provenientes de outras áreas (competência enciclopédica, interacional, entre outras) constituíram respostas mais facilmente mobilizáveis, ou ainda porque certas “etiquetas”, como saberes compartilhados, estereótipos ou senso comum, vem contribuindo para resolver o problema, nomeando-o. A analista ressalva que

Em todos os casos, parece ter-se perdido o que fazia a riqueza e a exatidão da proposta de origem: o fato de que o pré-constructo, como aliás o interdiscorso, não depende da materialidade discursiva, e por isso não pode ser identificado como um conjunto de discursos concretamente proferidos, embora sendo linguisticamente passíveis de análise (PAVEAU, 2007, p.317).

De acordo com Paveau, sua definição de pré-discurso é bastante próxima da definição original de interdiscorso (“o que pode e deve ser dito”), mas com a diferença de que os pré-discursos dizem respeito a dados de natureza mais social e cultural do que ideológica e política. Além disso, a analista assevera que esses se aplicam a todos os tipos de discursos, dos mais ordinários (conversas informais entre adolescentes) aos mais elaborados e controlados.

De fato, mesmo se inserindo no quadro da AD, em sua elaboração

da teoria dos pré-discursos, Paveau defende a ideia de que sejam feitos certos “encontros interdisciplinares”, no caso entre a AD e o campo da cognição social, aproximação que permitiria não só a evolução da AD, mas também o tratamento de *corpora* diferentes dos primeiros objetos de análise dessa disciplina (discursos ideológicos e fechados).

Dessa forma, a analista propõe que se leve em conta a dimensão cognitiva dos pré-discursos, do conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças práticas) que dão instruções para a produção e a interpretação de sentidos no discurso. A analista sabe dos riscos de tal proposta, a de articular ciências cognitivas e AD, mas argumenta que, no primeiro campo, desde o fim dos anos 1980, desenvolveu-se uma corrente sociocultural que permite que seja feita tal articulação.

São os trabalhos no domínio da cognição distribuída que fundamentam as reflexões de Paveau sobre os pré-discursos e a memória. De acordo com ela, essa forma de cognição “é cuidadosa com a construção e transmissão de informações, não mais só através dos saberes e competências retidas ‘na cabeça’ dos indivíduos” (2013, p.33), mas inscritos (distribuídos) nos ambientes, em lugares e objetos que podem servir de apoio à memória desses indivíduos, em um bloco de notas ou em um *tablet*, por exemplo.

Sendo assim, a analista defende que a *memória no discurso* está ligada às condições sócio-históricas e também cognitivas dos discursos, aos pré-discursos que participam da elaboração e da circulação de produções verbais dos sujeitos situados social e culturalmente. Nas palavras de Paveau (2013, p.92):

Essa memória não é inata nem depositada como um tesouro no espírito individual, mas depende da experiência e do contexto, o que implica, certamente, que o discurso não se inscreve unicamente na competência individual e intencional dos sujeitos falantes (PAVEAU, 2013, p.92).

Como podemos perceber, a passagem afasta interpretações que atribuam um caráter psicológico e intencional à noção de sujeito com a qual trabalha a analista. No entanto, parece-nos não se tratar de um sujeito assujeitado (como aquele que fundamenta o estudo de Courtine), uma vez que Paveau afirma aderir a uma “concepção externalista do espírito”, como proposta pelo neurólogo A. Damasio (2002).

Portanto, não se trata de uma memória individual, mas de uma memória coletiva. Paveau explica que a noção de memória coletiva

aparece no trabalho de Halbwachs, filósofo alemão que se contrapõe à ideia de que a lembrança é individual, argumentando “que a ilusão de lembrar-se por si mesmo deve-se ao caráter aparentemente imperceptível da influência do meio social” (Paveau, 2013, p.92).

Segundo a analista, o interesse pela noção de memória coletiva em AD deve-se à sua dimensão construtivista, já que para Halbwachs “a memória coletiva é reconstrução do passado com o propósito de organizar o presente e não restituição da identidade de um passado conservado” (Paveau, 2013, p.92).

Nas reflexões de Paveau, o aspecto construtivista da memória aparece na função de cognição e de reconhecimento que a analista atribui a essa noção. Para explicá-la, exemplifica com a fala “É Beirute” enunciada diante do quarto em desordem de um adolescente: “a referência a Beirute não se satisfaz evidentemente a transportar uma memória histórica, mas constitui uma ferramenta cognitivo-discursiva que (re) categoriza ironicamente a constatação de uma desordem [...]” (2013a, p.151).

Paveau cunha o conceito “linhagens discursivas” para nomear os dispositivos representacionais internos e externos que permitem a herança e a transmissão de conteúdos semânticos ligados a saberes, crenças e práticas, dispositivos ligados a lugares de memória. Nas palavras da analista:

No meu exemplo, o nome próprio “Beirute” é um desses lugares de memória, que é também “agente de distribuição”. Os valores associados ao nome, as evocações icônicas (televisivas, fotográficas, cinematográficas) que ele não deixa de suscitar, os traços prototípicos dos quais ele é dotado (a destruição de Beirute transformou-se no protótipo da destruição da cidade em guerra) são elementos suficientes que passam pelos canais da memória cognitivo-discursiva (PAVEAU, 2013a, p.152).

Na reflexão de Paveau, os lugares de memória são uma forma de apelo aos pré-discursos. A analista, como vimos, não identifica pré-discursos a formas linguísticas, embora postule que esses possam ser apreendidos e analisados. No caso do exemplo, não é o nome próprio “Beirute” que formula explicitamente os estragos provocados pela guerra, mas ele constitui um apelo a pré-discursos, a conhecimentos prévios depositados na memória e nos ambientes de quem enuncia a fala “É Beirute”.

Os estudos de Paveau exploram, além do nome próprio, outros lugares de memória, destacando que esses são essencialmente lexicais, traço que objetivamos explorar na análise dos dados.

Pelo exposto, podemos perceber a relevância das reflexões de Paveau sobretudo no que se trata de oferecer respostas a questões ligadas a saberes prévios que explicam os sentidos que os sujeitos atribuem em suas produções verbais. Tendo por fundamentação os conceitos de memória cognitivo-discursiva e de pré-discursos, passemos à análise do *corpus*.

OS POBRES VÃO À PRAIA

Como dissemos, reunimos um conjunto de textos recolhidos a partir de uma busca no Google utilizando a expressão “os pobres na praia”. Desses, selecionamos um total de quatro textos que se referem à repercussão do vídeo divulgado pelo Youtube em 2015, o documentário da TV Manchete intitulado “Os pobres vão à praia”. Os textos selecionados, provenientes de jornais e revistas, veiculam enunciados de um grupo de moradores da zona sul que se pronuncia contra a presença de jovens pobres nas praias. O comentário abaixo, que aparece na maioria dos textos que trata do episódio, teve grande repercussão:

(1)Eu venho à praia na Barra, porque botaram uns ônibus horrorosos, de onde saem umas pessoas completamente horríveis que vão lá sujar a praia. Não podem tirar o pessoal do Méier e levar para a praia em Copacabana, porque não posso conviver com quem não tem o mínimo de educação (...) Tenho horror de olhar para essas pessoas e sacar que são do mesmo país que eu. Não são brasileiros não, são sub-raça, afirmou, no programa, uma jovem de 18 anos que hoje é advogada e diz sentir vergonha de suas declarações daquela época.

O que poderia explicar a fala da moradora da zona sul carioca? O que a leva a enunciar tal comentário quando se depara com jovens pobres e negros (“o pessoal do Méier”) em “sua” praia? Como dissemos, os conceitos de pré-discursos e de memória são produtivos para tentar responder a essas questões.

Vimos que os pré-discursos são quadros prévios (saberes, crenças, práticas) que dão instruções para a produção e interpretação de

sentidos. Esses quadros estão armazenados na memória e distribuídos nos ambientes, no caso, o que é falado sobre os “pobres na praia”, como são retratados, sentidos que circulam nas mídias, por exemplo.

Como apontamos, Paveau considera que os pré-discursos se manifestam no fio do discurso, nos lugares de memória, e podem ser observados no que denomina *apelo aos pré-discursos*. Em (1), aparecem lugares de memória que apelam a determinados pré-discursos que atribuem a “pobres na praia” sentidos altamente negativos. O léxico é um desses lugares, o que pode ser constatado pelos termos e expressões empregados para fazer referência ao “pessoal do Méier”: *umas pessoas completamente horríveis, quem não tem o mínimo de educação, essas pessoas, sub-raça*.

A forma de apelar a pré-discursos por meio do léxico pode ser apreendida também no corpo dos textos que veiculam os comentários preconceituosos. Vejamos os seguintes:

(2) Por mais que o programa tente apresentar aquela turma que vem de longe como “selvagens”, não havia ameaça no comportamento deles.

(3) No episódio “Os pobres vão à praia” prevalecem opiniões de banhistas da Zona Sul que atacam os “forasteiros”.

Como podemos observar, os nomes que fazem referência aos jovens mencionados pela autora em (1) aparecem aspeados, sinalizando que os locutores dos textos se distanciam do ponto de vista (do quadro interpretativo) segundo o qual esses jovens seriam selvagens e forasteiros. Temos, portanto, formas de apelo a um pré-discurso que é rejeitado.

A rejeição pode se dar pela mobilização de pré-discursos diferentes daquele as quais as nomeações presentes em (1) permitem evocar. Vejamos o trecho seguinte retirado do mesmo texto em que o depoimento da jovem é reproduzido:

(4) Os invisíveis do morro impuseram sua existência aos bem-nascidos do asfalto, despertando a ira dos filhos de Copacabana e de Ipanema que, acuados, se viram obrigados a migrar para as areias da Barra da Tijuca.

A nomeação *os invisíveis do morro* não apela ao mesmo pré-discurso que o fazem as expressões *sub-raça*, *umas pessoas completamente horríveis* ou mesmo *os selvagens*. Ela permite evocar saberes, um quadro interpretativo ligado a uma história de descaso e de exclusão por parte dos *bem nascidos do asfalto*, exclusão que leva “os invisíveis” a *impor* sua existência e não somente vivê-la.

Nos dados selecionados, o apelo a pré-discursos que atribuem sentidos negativos aos jovens “invasores” ocorre também pela dêixis memorial. Paveau (2013) explica que se trata “de sintagmas nominais demonstrativos, que se referem aos saberes supostos presentes na memória do interlocutor e que provocam um efeito de empatia” (pp.195-196). Retomemos uma passagem do depoimento da jovem:

(5) Tenho horror de olhar para essas pessoas e sacar que são do mesmo país que eu.

Podemos observar que o sintagma demonstrativo dessas pessoas constrói uma referência enciclopédica, isto é, refere-se a um saber supostamente partilhado entre o locutor do trecho e seu interlocutor, remete a crenças partilhadas por um coletivo (algo como “todos sabem quem são/como são essas pessoas”). O efeito de empatia pode ser produzido se o interlocutor (não só o repórter que colheu o depoimento, mas também os leitores do trecho quando reproduzido nos textos jornalísticos que coletamos) partilharem as mesmas crenças daquelas da autora do depoimento. Consideramos que os distintos pré-discursos encontrados nos dados exemplificam o caráter cultural e social da noção.

Como destacamos, Paveau confere à memória uma função construtiva, o que pode ser verificado no fenômeno da (re) categorização, exemplificado com o emprego do nome próprio “Beirute”. Nos dados selecionados, embora não tenhamos encontrado nomes próprios exercendo essa função, apreendemos metáforas que cumprem o papel de ordenar o “mundo”, no caso, a presença de pobres nas praias, em discurso. Vejamos a seguinte ocorrência:

(6) O Rio acreditou, durante muitas décadas, na fantasia de que a praia era o espaço mais democrático da cidade. (...) Mas a fantasia só começou a ser destruída há uns 30 anos quando, enfim, uma linha

de ônibus teve a ousadia de sair de longe — longe para quem mora na Zona Sul — e desembarcar seus passageiros na até então intocada Ipanema. A grita foi geral. “Nuvens negras sobre Ipanema”, denunciou a manchete de um jornal de grande circulação na época.

A metáfora *nuvens negras sobre Ipanema* traz implícita a comparação entre nuvens negras e jovens pobres que ousaram ir a praias da Zona Sul. Ela possibilita evocar uma memória ligada a danos, estragos, uma vez que sinaliza que o sol não deve aparecer, a praia (diversão) está comprometida, está morta (as nuvens negras evocam também a figura de urubus). Ressalte-se que a metáfora não funciona apenas sob a forma de analogia, mas constrói sentidos sobre o mundo, ordena-o, no caso categoriza a presença de jovens pobres em Ipanema em termos de destruição e morte.

Ainda em relação às manifestações linguísticas dos pré-discursos, Paveau destaca formas por ela denominadas *organizadores textuais-cognitivos* que funcionam entre a elaboração mental e a organização textual. Dentre eles, a antítese, uma manifestação bastante presente nos dados que recolhemos.

A antítese, lembra Paveau, é um organizador de como percebemos o mundo e os discursos. Isso porque constitui um modelo de aprendizagem muito presente na cultura ocidental, o que leva os sujeitos a ordenar suas experiências cotidianas, suas relações, de acordo com esse modelo. Retomemos um trecho em que figura uma oposição binária:

(7) Tenho horror de olhar para essas pessoas e sacar que são do mesmo país que eu.

A fala da jovem revela uma organização do mundo e das relações humanas reduzida à oposição *eu X eles*. Podemos dizer que se trata de uma significância binária inscrita em uma longa memória de pré-discursos (e discursos) sobre a presença de pobres na praia, ou seja, a abordagem desse assunto costuma ocorrer em termos antitéticos (eles sujam a praia eu não, por exemplo). Vejamos mais uma ocorrência:

(8) Não sou contra pobre nem nada. Mas eu venho à Praia do Pepê porque eu estou aqui junto dos meus.

Trata-se da fala de um jovem transcrita em um dos textos jornalísticos que reunimos. Embora a oposição não esteja explícita, é ela que organiza a apreensão do mundo e sua organização em discurso: meu espaço, meu pessoal X o espaço deles, eles.

De onde viriam os quadros interpretativos que explicam falas tão preconceituosas? Para responder a essa questão, recorreremos a uma das características dos pré-discursos apontada por Paveau – sua transmissibilidade.

Ao discorrer a respeito daquilo que concerne ao coletivo nos quadros pré-discursivos, Paveau (2013) elucida que a coletividade se desdobra em dois eixos: o sincrônico e o diacrônico. O primeiro diz respeito à construção, difusão e circulação de saberes e crenças na sociedade em geral, uma partilha de saberes que é fruto da interação entre sujeitos e seu ambiente, este incluindo o que a analista denomina de tecnologias discursivas.

O eixo diacrônico se refere à transmissão no tempo, ao coletivo, àquilo que os sujeitos recebem de discursos anteriores. Nesse ponto, entendemos que a transmissão de saberes acerca de “pobres na praia”, de sentidos negativos ligados à figura do pobre nesse espaço (e em outros), dá-se por meio de estereótipos que circulam em nossa sociedade.

As reflexões de Paveau (2013) retomam a concepção de estereótipo com a qual trabalha Amossy (1991), uma concepção que leva em conta a atividade mental do sujeito:

O estereótipo é uma construção de leitura. Quer dizer que o estereótipo não existe em si. Ele só aparece para o observador crítico ou para o usuário que reconhece espontaneamente os modelos de sua coletividade. Emerge quando, selecionando os atributos ditos característicos de um grupo ou de uma situação, reconstituímos um esquema familiar (AMOSSY, 1991, p. 22 apud PAUVEAU, 2013, p.60).

O estereótipo pode ser definido como um enquadre de saber que tem um papel instrucional para a produção e a interpretação de sentidos, um modelo coletivo fixo a partir do qual os sujeitos “leem” o real, interpretam-no. Desse modo, equivale a pré-discursos, a saberes anteriores, no caso, a saberes cristalizados e imutáveis partilhados por uma coletividade. Em relação ao tema *os pobres na praia*, é possível dizer que evoca determinados estereótipos sobre a figura do pobre.

“Pobre é sujo” ou “Pobre é ladrão/desonesto” são enunciados que não precisam ser ditos, mas constroem um enquadre de saber que dá instruções acerca do que dizer (o que pode e deve ser dito) sobre a figura do pobre.

Como vimos, Paveau considera que a memória não só armazena esses saberes prévios, o “reino de significações” anteriores, mas também o transmite de discurso em discurso através do tempo. A memória é, pois, o principal agente de transmissão de pré-discursos. Em se tratando de nosso estudo, podemos dizer que os pré-discursos sobre a figura do pobre que se identificam a estereótipos têm uma memória de longa duração e permitem explicar as falas preconceituosas transcritas nos textos selecionados.

Para finalizar, é importante destacar que em um dos textos selecionados aparece uma entrevista com a jovem de 18 anos cuja fala foi veiculada no documentário da TV (trecho 1). Vejamos o seguinte trecho da reportagem:

(9) Aos 47 anos, ela diz ainda ter horror, mas de quem tem hoje um discurso igual ao seu ou quem a parabeniza por suas declarações carregadas de preconceito. “Mudei de opinião. Evoluí. Não sou mais essa pessoa. Por isso resolvi colocar minha cara a tapa, em vez de pedir para tirem o vídeo do ar”, diz Moss à BBC Brasil.

Depois de quase três décadas, não mais se admitem falas preconceituosas, leis foram criadas para tentar proteger o direito das pessoas. Como pensar essas mudanças levando em conta o conceito de memória e de pré-discursos? Recorremos, mais uma vez, aos trabalhos de Paveau, em específico àquele no qual a analista reflete sobre linguagem e moral (2015). Nele, a analista discorre sobre a memória das palavras e sua dimensão ética.

A analista considera a existência do que chama de *discurso virtuoso*, ou seja, o discurso “ajustado aos valores vigentes na realidade complexa e instável dos agentes e de seus ambientes” (Paveau, 2015, p.214). Esse ajuste, explica engloba três elementos: os agentes e suas relações, o mundo (a realidade e suas representações) e, por último, a memória discursiva das sociedades (constituídas pelo conjunto de produções verbais), imbricados em um sistema ao mesmo tempo discursivo, cognitivo e ético.

Dessa forma, no depoimento da jovem de dezoito anos não ocorre o discurso virtuoso, o que pode ser constatado pela repercussão que causou, pela onda de indignação que suscitou, visto que esse depoimento está *desajustado* no que diz respeito aos agentes e suas relações nos dias de hoje (o valor de respeito ao ser humano). Em (9), a fala da mulher, em 2015 com 47 anos, procura se ajustar às relações que devem presidir o convívio entre os sujeitos na contemporaneidade, bem diferentes daquelas que existiam quando da gravação do documentário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos as repercussões da divulgação de um vídeo valendo-nos das reflexões de Paveau (2007, 2013, 2013a) a respeito de pré-discursos e de memória. Para isso, selecionamos textos jornalísticos que abordavam o tema “os pobres na praia” apontando alguns lugares de apelo a pré-discursos, o léxico, sobretudo, destacando termos e expressões altamente depreciativas, usadas para fazer referência aos jovens “invasores” das praias da zona sul carioca.

Também pudemos encontrar nos dados metáforas e antíteses com função cognitivo-discursiva, isto é, ao mesmo tempo em que ordenam e categorizam o mundo, no caso da metáfora fazendo uma analogia entre jovens e nuvens negras, no da antítese, organizando o mundo em uma oposição binária (*eu X eles*), discursivizam-no.

Discutimos a questão da transmissibilidade dos pré-discursos apreendidos com a noção de estereótipo. Em nossa avaliação, existem quadros de saber cristalizados sobre a figura do pobre que são herdados e transmitidos em nossa sociedade e constituem uma memória de longa duração.

Por fim, para explicar as mudanças nos depoimentos veiculados no documentário (final dos anos 1980) e na entrevista (2015), recorrendo às reflexões de Paveau (2015), apontamos a necessidade de a fala dos sujeitos estar ajustada a valores vigentes da sociedade. Com certeza, o depoimento da jovem no documentário da TV Manchete está em desajuste com os valores defendidos em nossa sociedade atual, o que explica as mudanças. Na fala, pelo menos.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis. Trad. Brás Rodrigues, M.R. In: **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. F. Indursky e M. C. Leandro Ferreira (orgs). Porto Alegre: ed. Sagra Luzzatto, 1999.

PAVEAU, M-A. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. Trad. Norma S. Goldstein. **Revista Filologia Linguística Portuguesa**. n.9, pp.311-331, 2007.

PAVEAU, M-A. **Os pré-discursos**. Sentido, Memória, Cognição. Trad. Greciely Costa e Débora Masmann. Campinas: Ed. da Unicamp, 2013.

PAVEAU, M-A. Memória, des-memória e a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Trad. Jociene Santana Prado e Eduardo Lopes Piris. **EID&A-Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, n.5, pp.137-161, 2013a.

PAVEAU, M-A. **Linguagem e Moral**. Uma ética das virtudes discursivas. Trad. Ivone Benedetti. Campinas: ed. da Unicamp, 2015.

TEXTOS SELECIONADOS PARA A ANÁLISE:

ARBEX, D. Os pobres vão à praia. **Jornal Tribuna de Minas**, 2015. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/colunas/daniela-arbex/04-10-2015/os-pobres-va-a-praia.html>. Acesso em: 12 de fev. 2018.

BARIFAUSE, R. 'Tenho horror de quem pensa como eu pensava. Evoluí', diz carioca que chamou pobres de sub-raça nos anos 1980. **BBC Brasil**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150923_angela_moss_video_internet_rb. Acesso em: 8 de abril 2018.

BARREIRA, G. G1, 2015. Vídeos de 1990 geram polêmica após arrastões: **'Rio não mudou'**, diz diretor. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/videos-de-1990-geram-polemica-apos-arrastoes-rio-nao-mudou-diz-diretor.html>. Acesso em: 15 de jan. 2018

XEXÉO, A. Perigo e Preconceito. **Jornal O Globo**, 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/perigo-preconceito-17618629>. Acesso em: 15 de jan. 2018.

Enviado em: 12/07/2019

Aceite em: 10/12/2019